



INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE, CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)

HISTÓRIA - LICENCIATURA

DO CAMPO PRA SALA: CONTRIBUIÇÕES DO FUTEBOL PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

CHRISTIAN HEINRICH BRASS

Foz do Iguaçu

2019

CHRISTIAN HEINRICH BRASS

DO CAMPO PRA SALA: CONTRIBUIÇÕES DO FUTEBOL PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Trabalho realizado sob orientação do professor Tiago Costa Sanches, como requisito para a obtenção do diploma de licenciado em História pela Universidade Federal da Integração Latino Americana.

Foz do Iguaçu

2019

RESUMO

Com a constituição da Didática da Histórica como um campo de pesquisa, diversos trabalhos surgiram para dar novo aspecto para o ensino e aprendizagem histórico. O futebol se apresenta como metodologia para estas novas abordagens. Afim de contribuir para obtenção do conteúdo histórico, o esporte se apresenta como um elemento central para a compreensão de identidade e subjetivação do conteúdo histórico pelo sujeito. Levando em consideração as pesquisas em aprendizagem histórica, o presente trabalho tem como objetivo inserir o futebol para nestes debates, resgatando em sua história a justificativa do tema. Deste estudo pode se extrair relações entre a história do futebol e a teoria da didática da história, obtendo resultados favoráveis.

Palavras-chave: Futebol, Didática da História, Aprendizagem Histórica

RESUMEN

Con la constitución de la didáctica de la Historia como campo de investigación, surgieron diversos trabajos para dar nuevo aspecto a la enseñanza y aprendizaje histórico. El fútbol se presenta como metodología para estos nuevos enfoques. Para contribuir a la obtención del contenido histórico, el deporte se presenta como un elemento central para la comprensión de identidad y subjetivación del contenido histórico por el sujeto. Tomando en consideración las investigaciones en aprendizaje histórico, el presente trabajo tiene como objetivo insertar el fútbol para estos debates, rescatando en su historia la justificación del tema. De este estudio se pueden extraer relaciones entre la historia del fútbol y la teoría de la didáctica de la historia, obteniendo resultados favorables.

Palabras-clave: Fútbol, Didáctica de la Historia, Aprendizaje Historica

INTRODUÇÃO

Desde que nascemos, escutamos a premissa de que o Brasil é o país do futebol, que o futebol é uma paixão incondicional que compõe a figura do brasileiro. Samba, praia e futebol. Assim, por exemplo, foi “vendido” a imagem do Brasil na copa de 2014, aqui realizada.

É inegável a presença marcante do futebol no cotidiano de brasileiros e brasileiras que, dia após dia, gostando ou não, tem algum tipo de contato com o esporte em questão. Seja representado na novela ou numa parte de tempo exclusiva para noticiar os resultados do campeonato nacional no telejornal.

Se faz necessário compreender o papel exercido por este esporte tão significativo na vida de muitas pessoas. Levando em consideração que a história do futebol é capaz de explicar uma parte da história de um país, como no caso do Brasil, abrem-se caminhos para pesquisa tentando entender este agente histórico constitutivo de identidades e elencar seu papel na subjetivação da história. Compreender este lado subjetivo do futebol, o projeta como possível de ser utilizado nas aulas de história, levando em consideração que é algo passível de ser encontrado facilmente no cotidiano de alunos e professores.

Tomando a didática da história como campo de pesquisa, começa-se a levantar novas hipóteses e relações com este novo olhar sob o ensino e aprendizagem histórico. Abordagens e perspectivas são inseridas neste contexto para delimitar e compartilhar formas e saberes na obtenção do objetivo da didática da história: desenvolver a consciência histórica afim de atingir o nível de materialização desta por meio da narrativa.

Nesta parte da formulação de novas formas e saberes, se encaixa a abordagem do universo futebolístico, que começa a ser trabalhado como objeto de estudo pela ciência no Brasil a partir da década de 80. Por mais que os escritos sobre futebol no Brasil estejam presentes desde que o esporte se concretiza no cotidiano do brasileiro, sempre esteve relegado e restrito a memorialistas e artigos de jornais.

Com relação a constituição do futebol como objeto de estudo das ciências humanas e sociais, Luiz Carlos Ribeiro destaca o seguinte

Apesar dos escritos sociais e políticos sobre o futebol serem de longa data, é consensual que a partir do final dos anos 1970 e, sobretudo, nos anos 1980, o

estudo do futebol inicia sua formatação como um campo efetivo de crítica científica. Ou seja, é a partir desse momento que o meio acadêmico identifica, de maneira enfática, o futebol como objeto de estudos e propõe uma agenda de questões para a sua abordagem. É quando os estudos deixam de ser isolados ou efêmeros e passam a fazer parte sistêmica das ciências sociais e políticas. (RIBEIRO, p.22, 2012)

A paixão e o fascínio do brasileiro pelo futebol são colocados como uma das grandes características da identidade nacional e no sentimento de pertencimento a pátria. Nasce, junto a isso, a politização do futebol e maior inserção deste esporte na história nacional. Com isso hipóteses são levantadas, quais as dimensões que o futebol pode alcançar na subjetivação do ser humano ao ponto de fazer manifestar nele uma consciência histórica? Como relacionar a história deste esporte com as aulas de história?

A partir das atividades realizadas nas disciplinas de estágio, a relação entre futebol e ensino de história se mostrou como um objeto de pesquisa e tornou-se assim o caminho para a elaboração deste trabalho. Caminha-se a isso o presente artigo, a partir compreensão do futebol como um elemento cultural portador de narrativa histórica, que está presente no cotidiano de vários brasileiros, organizado de forma a explicitar a íntima relação entre futebol e história e como se configura para o ensino e aprendizagem de história. Resta-nos não mais descartar o futebol ou negá-lo a ciência, mas sim “problematizar essa paixão enquanto uma experiência de vida, individual e social.” (RIBEIRO, p.33, 2012)

FUTEBOL E HISTÓRIA

O futebol é um fenômeno social historicamente construído e apropriado de diferentes maneiras em diferentes culturas. O futebol se manifesta não só como prática esportiva, mas também como um elemento constitutivo de identidade e um sentimento capaz de movimentar e comover milhões de pessoas ao redor do mundo. Levar da felicidade a tristeza em questão de segundos. É um esporte que se projeta para além das quatro linhas, se tornando um artefato cultural portador de narrativas históricas e de fatos históricos que permeiam seu campo de ação desde sua constituição como paixão dos brasileiros.

O futebol é o maior fenômeno social do Brasil. Representa a identidade

nacional e também consegue dar significado aos desejos de potência da maioria absoluta dos brasileiros. Essa relação, de tão forte, é vista como parte da própria natureza do país [...]. mostra é que o futebol, pelo contrário, não é um mundo à parte, não é uma espécie de “Brasil Paralelo”. É pura construção histórica, gerado como parte indissociável dos desdobramentos da vida política e econômica do Brasil. O futebol, se lido corretamente, consegue explicar o Brasil. (GUTTERMAN, p.7 2009)

Para um estudo mais profundo do futebol, é necessário que nos desprendamos de certos preconceitos e ideias preconcebidas acerca da natureza do futebol, que afirmam o espetáculo como uma forma de alienação e somente, sem valor histórico ou político.

Questões assim colocam o futebol como instrumento disponível ao interesse de grupos políticos, podendo deslocar o pensamento a um equívoco sobre este esporte: de este, ser um mero instrumento de manipulação ideológica. Tal definição, de ferramenta ideológica, inibe a percepção da relação entre os diversos atores históricos com o futebol. (ROCHA, p.17, 2009)

Muito desse pensamento encontra resposta na própria história do futebol, que, dialeticamente, ao mesmo tempo que reponde o caráter alienante do futebol, o historiciza e o coloca como objeto de análise passível de compreensão de sujeitos históricos em seu tempo.

Resgatamos então a dimensão política e social do futebol em sua própria história. O fenômeno de apropriação do futebol não pode ser explicado apenas pelo esporte. Ao afirmar que o futebol é um fenômeno histórico, inserido no seio da modernidade brasileira, não podemos nos valer de outra categoria de análise que não seja a partir da compreensão do futebol como um fenômeno social e historicamente produzido (RIBEIRO, p.99, 2004). A compreensão parte de quando se estabelece o esporte bretão¹ como uma paixão das massas localizada nas grandes periferias.

A partir do último quarto do século XIX, a cidade de São Paulo se constituiu como um grande centro comercial e industrial, atraindo milhões de imigrantes a procura de uma vida melhor. A concentração de riqueza e má distribuição de renda refletiu na configuração das localidades das classes que compunham a cidade. As classes mais abastadas se localizaram nos melhores bairros, enquanto os pobres foram se encaixando nos bairros mais periféricos, organizando a cidade aos interesses dos grandes proprietários.

¹ As regras e estruturas do que chamamos hoje de futebol foram concebidas e difundidas na Grã Bretanha, por isso o futebol é comumente chamado de “esporte bretão”.

Esta exclusão dos pobres à cidade configurou uma nova dinâmica de relações sociais dentro dos bairros operários, que começaram a compreender o futebol como um espaço de manifestação afetiva e política que se configurava para além daquilo que lhe era esperado. Nesta cidade dividida entre pobres *versus* ricos, nasceram os primeiros clubes de elites e primeiros times populares, culminando posteriormente no chamado futebol oficial e futebol de várzea. O futebol virou espaço de representação da divisão social da cidade.

O crescimento significativo da cidade de São Paulo, a partir do último quartel do século XIX, trouxe experiências novas e profundas. Tal crescimento – que esteve acoplado a um processo de destruição e posterior remodelação – não apresentou benefícios igualmente divididos por toda a sociedade. A cidade exclui, em quase todas as esferas sociais, a maior parte da população. O então recente final da escravidão gerou uma elite sedenta pela manutenção de toda sorte de privilégios. (NEGREIROS, p.210, 2010)

Em relação a prática e fácil difusão do futebol nas camadas populares, Marcos Guterman ressalta que “uma das qualidades que tornam o futebol um esporte de vocação popular é justamente a possibilidade de jogá-lo sem que seja necessário gastar muito dinheiro.” (GUTERMAN, p.26, 2009)

Neste primeiro momento de constituição da prática esportiva, antes que as elites se apropriassem efetivamente do futebol no âmbito político, embora rejeitado em um primeiro momento pelos aristocratas, foi compreendido como um potencial apaziguador social em um momento de organização das lutas operárias. (GUTERMAN, p.27, 2009)

Começa-se neste momento a se romper as barreiras impostas pela classe dominante dentro das práticas esportivas na cidade de São Paulo. Os operários começam a organizar seu próprio futebol dentro dos seus bairros mesmo sem o apoio da elite e sendo muitas vezes retratados como violento e antiesportivo. Nos jornais eram separadas páginas das crônicas policiais para serem retratados as partidas jogadas nos arrabaldes

De certa forma, essa imprensa paulistana construía provas do quanto seria pernicioso a participação popular nos esportes. No futebol, especialmente, não seria saudável a presença dessa “massa popular”, dado o seu descontrole emocional e a sua falta de ‘educação’. (NEGREIROS, p.213, 2010)

Com a massificação e os investimentos no futebol, a dinâmica entorno deste esporte muda. Com a profissionalização e a conseqüente mercantilização do futebol,

a composição das equipes começa a tomar novas formas e estruturas. O interesse não é mais a prática do esporte, se não, ganhar títulos e disputar qual equipe possuía o melhor quartel. Deste cenário começa a surgir a capacidade de mobilização política do futebol.

Os muros erguidos em torno do futebol não resistiram à formação das metrópoles brasileiras. Foram demolidos pela massa de trabalhadores que encontrou nesse esporte a essência democrática que lhe era negada em todas as outras áreas. A profissionalização do futebol foi uma consequência óbvia disso — as competições começaram a atrair grande público, e os melhores jogadores passaram a ser remunerados por clubes cada vez mais interessados em competir para vencer. O futebol deixava de ser dândi e blasé. (GUTERMAN, p.7, 2009)

Marcos Guterman continua assinalando que

Com a massificação, o futebol passou a ter também importância política. Sua capacidade de mobilização logo se impôs como elemento muitas vezes decisivo para definir o humor de um eleitorado crescentemente menos controlável. O mundo do poder político e ideológico também se reproduziu dentro dos campos de futebol — a Copa do Mundo da Itália, no auge do fascismo, em 1934, é talvez o melhor símbolo disso. (GUTERMAN, 7, 2009)

O estabelecimento do futebol na sociedade brasileira, acompanhou a transformação vivida no país durante as primeiras décadas do século XX, levando a intelectualidade brasileira da época a repensar a caracterização do brasileiro e justificar pela própria sociedade o sentimento de pertencimento e unidade nacional. Os olhares que, até então, estavam voltados para os modelos políticos, se voltaram a discussões apaixonadas acerca da identidade nacional. Era cada vez mais questionado o perfil aristocrático da república, que perdurava desde sua proclamação, em 1889. As classes baixas antes apagadas do cenário nacional, começam a se materializar nas grandes cidades, tendo o futebol como um espaço de reivindicação.

Foi então que, sobretudo a partir de 1930 com a realização da primeira copa do mundo de futebol e a eleição de Getúlio Vargas que, apesar de não serem fatos correlatos, sem conexão entre si, abriu as portas para um novo cenário na história do Brasil. “O sentido de que a pátria vestia chuteiras e entrava em campo ganharia formidável impulso a partir dali.” (GUTERMAN, p.52, 2009) Soma-se a isso a mudança da postura dos jogadores de futebol na luta pelo reconhecimento da profissão e direitos para a classe.

Os reflexos deste novo cenário que se configurava na política brasileira se fizeram refletidos no futebol. O que alguns historiadores chamaram de “revolução”,

assim como na economia, no futebol se negociava juntamente com as novas burguesias nacionais suas pretensões políticas e sociais. O colapso provocado pela queda da bolsa em 1929 colocava em xeque o modelo republicano atual, como já citado antes, em vigor desde 1889. (GUTERMAN, p.54, 2009)

Junto com a repaginação da república, surgiria um Estado totalmente centralizado, que se mostrava na imagem de Getúlio Vargas seu caráter popular e mobilizador das grandes massas.

Uma única frase pode ser reveladora do modo como Getúlio via o mundo e seu papel nele, e essa frase parece ser precisamente o caso. Num momento, ele procurou se amalgamar com a 'coletividade' — Getúlio não se diferenciava do 'povo', e assim colocou-se acima do próprio Estado, transformando todo o movimento de oposição ao seu governo em movimento de oposição ao 'povo'. (GUTERMAN, p.57, 2009)

O que se espera aqui, não é tratar das controvérsias de Getúlio e nem fazer juízo de valor a respeito de seu governo. Trato de compreender como as massas foram necessárias para a manutenção do seu poder e do papel político do futebol em cativar o grande povo para Getúlio, afim de destacar essa relação íntima entre os interesses e desejo de todas as classes trabalhadoras frente as ambições do novo governo. Neste recorte específico o universo futebolístico representa um papel de protagonista.

Deslocando nossa análise para um âmbito mais global, Guterman destaca o papel do futebol na construção da identidade fascista na Itália:

Nos anos 1930, futebol e fascismo pareciam ter nascido um para o outro, e essa impressão se consolidou em 1934, quando a Itália de Mussolini realizaria sua Copa do Mundo. Ainda nos anos 1920, Mussolini centralizou a institucionalização do futebol, mandou construir estádios em todo o país e tentou usar o esporte como elo nacional, criando uma seleção que seria imbatível nos anos 1930 — ganharia duas Copas do Mundo e uma Olimpíada. A equipe italiana não era apenas um punhado de jogadores. Eram 'gladiadores', de quem dependia a honra da Itália como nação. A onipresença desse esporte era a chave fascista para criar a sensação de unidade necessária para os projetos do regime e para a ideia da formação do 'novo homem'. (GUTTERMAN, p.58, 2009)

Assim como no exemplo da Itália fascista acima, no Brasil também já se compreendia a importância e relevância do futebol no intermédio entre a configuração da identidade do novo governo com o povo. O futebol enquanto um campo de expressão de afetividade e reunião em massa de pessoas em todos os cantos das cidades, foi inserido no projeto getulista, ocupando um papel central para a transformação e concretização do

novo brasileiro assim como a superação das contradições do passado e diferenças políticas, fruto da antiga república pautada na aristocracia e abuso das elites. O sentimento agora deveria ser de união.

Seguindo o comparativo com a Itália de Mussolini, no Brasil, Getúlio também se esforçou consideravelmente para estatizar o futebol. Uma das medidas foram as articulações de recompensa financeiras aos “trabalhadores da bola”, “uma forma de atrair apoio dos atletas e das classes mais pobres para as fileiras do governo.” (GUTERMAN, p.59, 2009) Getúlio tratou de controlar o futebol pois via o potencial no esporte em passar para o cenário externo as aspirações e projetos nacionais por meio do mundo da bola. O novo brasileiro tomava forma a partir disso e a ferramenta utilizada pelo estado era o controle político e institucional dos corpos.

Inventa-se, a partir desse processo, uma ‘raça brasileira’. As manifestações culturais populares são incorporadas ao projeto, como sintoma de ‘brasilidade’, mas submetidas às normas emanadas do Palácio do Catete. O samba começou a ser usado para repudiar o comunismo e exaltar os valores nacionais. (GUTERMAN, p.59, 2009)

A instrumentalização do futebol como uma ferramenta pelo governo de Getúlio Vargas refletiu até na CBD (Confederação Brasileira de Desportos), antecessora da CBF (Confederação Brasileira de Futebol), com Lourival, um importante varguista da época, como chefe da delegação brasileira na copa de 1934. (GUTERMAN, p.63, 2009)

O varguismo conseguiu captar toda a essência popular que traz o futebol ao seu favor. Esta capacidade de incorporar diferentes indivíduos em prol de uma mesma causa se mostrou uma grande aliada dos projetos do governo, além de despertar uma paixão pelo país, representado agora internacionalmente no mundo da bola pela nossa seleção. O esporte já se encontrava como paixão do brasileiro naquele momento e representava todos os anseios daquele novo Brasil, promissor e ainda mais “brasileiro”. O sentimento de unidade consolidado através do futebol, de representatividade a partir da seleção brasileira, construíram a nossa imagem como país do futebol. A essência do varguismo era a essência do futebol. Getúlio explorou cada centímetro que pode para concretizar seus projetos a partir desta paixão nacional.

A partir destes breves destaques já podemos assinalar o peso histórico que o futebol carrega em si. Sujeitos históricos estão presentes durante toda trajetória da história do futebol no Brasil, desde a consolidação de sua prática até os dias de hoje. O trabalho de resgatar a memória a partir do futebol torna-se muito fecundo ao levar em

conta a subjetivação dos sujeitos durante os processos de aprendizagem histórica.

DIDÁTICA DA HISTÓRIA E APRENDIZAGEM HISTÓRICA

A teoria da didática da história se estabelece como um campo de pesquisa em um contexto bem conturbado da história alemã, logo após o fim da segunda guerra mundial, sendo formulada para trazer respostas a uma carência de orientação temporal que os alemães apresentavam logo após os fatos.

Quando se consolida a história como ciência, suas estruturas foram estabelecidas em cima da ideia de *historia vitae magistra* (história mestre da vida), e a didática da história toma um certo protagonismo no momento que precede este fato, onde segundo Rüsen, antes que se estabelecesse a discussão em relação à qual seria a metodologia e a epistemologia desta nova ciência, se discutia as “regras e princípios básicos da composição da história como problemas de ensino e aprendizagem” sendo que estes seriam “o fenômeno e o processo fundamental na cultura humana, não restrito somente a escola.” (RÜSEN, p.24, 2011)

Em relação a isso, o autor continua

Mas, devido à crescente institucionalização e profissionalização da história, a importância da didática da história foi esquecida ou minimizada. Durante o século XIX, quando os historiadores definiram sua disciplina, eles começaram a perder de vista um importante princípio, a saber, que a história é enraizada nas necessidades sociais para orientar a vida dentro da estrutura tempo [...] A didática da história não era mais o centro da reflexão dos historiadores sobre sua própria profissão. Ela foi substituída pela metodologia da pesquisa histórica. (RÜSEN, p.25, 2011)

A gênese da didática da história como um corpo “orgânico” desta nova ciência foi pura e simplesmente como forma de guiar as necessidades de formação dos professores de história. Muito se compartilhava da ideia que a ciência da história era justificada por sua própria existência, relegando para a didática da história e as problemáticas referente ao ensino e aprendizagem histórica a um corpo separado dentro da própria ciência histórica.

Todo este cenário que envolve o surgimento da ciência histórica contribuiu para a incapacidade de resolução dos problemas imposto pelo atual momento vivido na Alemanha, já que a ciência da história estruturada nos moldes implantados por

Bismarck na época da unificação alemã em 1871 respondia somente as exigências desta época. Isso fez com que a mesma perdesse espaço no debate para outras ciências sociais.

Na década de 60 e 70, o cenário mudou. Houve um esforço de historiadores alemães em criticar e reformular as hipóteses da historiografia afim de firmar a relação prática da história com o cotidiano das pessoas. Rüsen se torna um filósofo de destaque no meio de todo este trabalho de reestruturação da história, onde “propõe uma renovação no sentido de ensinar e aprender história superando certos conceitos já estabelecidos, afirmando que a formação histórica deve ter como meio e fim a atuação da consciência histórica.” (FREITAS, p.250, 2016)

O trabalho desenvolvido por Rüsen e outros pesquisadores serviram de base para que surgissem mais pesquisas dentro da área da didática da história afim de compreender as concepções que fundamentam e dão finalidade a aprendizagem histórica, considerando que as carências de aprendizagem em história não devem procurar respostas dentro da pedagogia ou psicologia, mas sim dentro da própria ciência histórica, já que há uma cognição própria da história, uma cognição situada dentro da ciência de origem.

Na perspectiva da cognição situada na ciência de referência, a forma pela qual o conhecimento necessita ser aprendido pelo aluno deve ter como base a própria racionalidade histórica, e os processos cognitivos devem ser os mesmos da própria epistemologia da ciência da História. (SCHMIDT, p.29, 2009)

A aprendizagem histórica é um processo dinâmico, estruturado de forma em que o sujeito recebe formação histórica em diferentes instâncias e momentos da vida (FREITAS, p.248, 2016) e com isso, tem a capacidade de conferir um significado a esses fatos. O trabalho de buscar uma significação ao presente através da história, é emanado das necessidades de orientação temporal. Este processo de recepção de conteúdo histórico e constituição de sentido, é presente na subjetivação dos fatos, constituindo assim a identidade histórica do sujeito, o conscientizando como um sujeito ativo na história.

(...)aprender é um processo dinâmico, no qual a pessoa que aprende muda porque algo é obtido, algo é adquirido, num *insight*, habilidade, ou na mistura de ambos. No aprendizado histórico a “história” é obtida porque fatos objetivos, coisas que aconteceram no tempo, tornam-se uma questão de conhecimento consciente, ou seja, eles tornam-se subjetivos. Eles começam a ter um papel na mente de uma pessoa, porque a aprendizagem de História é um processo de, conscientemente, localizar os fatos entre dois polos, caracterizado

como um movimento duplo, ou seja, primeiramente é a aquisição de experiência no decorrer do tempo (formulado de maneira abstrata: é o subjetivismo do objeto) e, em segundo lugar, é a possibilidade do sujeito para analisar (ou seja, o objetivismo do sujeito). (SCHMIDT, p.33, 2009)

O aprendizado histórico se explicita na narrativa histórica por meio da consciência histórica. Sendo narrativa histórica, segundo Rüsen (2012) o ato de comunicar-se formando sentido acerca de sua experiência no tempo. “Isso é viável porque as narrativas são produtos da mente humana e, por meio delas, os sujeitos envolvem lugar e tempo, de uma forma aceitável para eles próprios.” (SCHMIDT, p.33, 2009)

A consciência histórica, objetivo da aprendizagem histórica, nada mais é do que a capacidade do sujeito tematizar o passado para poder analisar e compreender seu tempo presente, para, a partir disso, perspectivar o futuro. (RÜSEN, p.75, 2012)

Com a consciência histórica, a referência à história, no aprendizado histórico, é levada a seu nível fundamental e, ao mesmo tempo, genérico, ainda antes da explicação científica de “História”, mediada didaticamente, como conteúdo de aprendizado. Com isso, a didática da história se volta para aqueles processos mentais ou atividades da consciência sobre os quais afinal se funda a referência do aprendizado histórico a história. (RÜSEN, p.42, 2011)

Os sujeitos, influenciados pelo seu lugar social, são levados a interiorizar os fatos históricos, tornando-os fatos subjetivos. As ações transformadoras e de mudanças da realidade só é possível através da internalização dos conteúdos com intervenção dos sujeitos, visando transformações na vida prática, transformando informações em conhecimento, aumentando a complexidade das ideias históricas absorvidas. (SCHMIDT, p.35, 2009) Trata-se de encontrar-se nos conteúdos que ficam velados ao aprendiz. (RÜSEN, p.42, 2011)

O FUTEBOL EM SALA DE AULA

O futebol lança inúmeras possibilidades de ser trabalhado em sala aula, já que consigo carrega inúmeras expressões e simbologias, auxiliando na construção de uma memória e um sentimento de coletividade. O curso destas indagações levou a possibilidade de realizar um estudo exploratório, posto em prática durante as atividades de estágio do curso de História Licenciatura da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA).

Foram realizadas duas atividades colocando o futebol em duas formas diferentes: uma como parte central do conteúdo e outra como forma de ilustrar o conteúdo histórico relacionando com a discussão.

Na primeira atividade, a aula foi pensada como uma aula-oficina, no modelo sistematizado por Isabel Barca (2004), em que consistia em historicizar o futebol, colocando-o como constituidor de identidade e anseios políticos. Com isso, foi colocado em xeque a construção das rivalidades entre clubes, utilizando o histórico clássico espanhol Barcelona x Real Madrid, e o lendário jogo entre Argentina x Inglaterra na copa de 1986.

Na primeira parte da oficina, conversei com os alunos a respeito da relação que os mesmos tinham com o futebol. Se gostavam ou não, se praticavam, acompanhavam, etc., fazendo assim a explicação da oficina. Assim, faço uma introdução dos temas que serão trabalhados. Alguns apontamentos que cercam a questão da identidade catalã e madrilenha, a questão das regiões autônomas da Espanha e a fundação dos clubes. No desenvolvimento da oficina, foi traçado junto aos alunos importantes elementos históricos que permeiam a constituição da rivalidade entre ambos os times. Foi possível identificar o interesse dos alunos enquanto acontecia a oficina, com participação constante da maioria dos alunos. Foi possível identificar uma mudança de comportamento nos alunos que, no primeiro momento, disseram não ter muita identificação com o futebol, mas que, com a abordagem histórica do esporte, fez com que despertasse um interesse naqueles que anteriormente não gostavam.

Na segunda parte, foi abordado o tema das ilhas das Malvinas e o conflito entre Argentina e Inglaterra. Conflito este que custou um número significativo de vidas de cidadãos argentinos. Todo esse luto que caminhava com os argentinos se fez presente no mundial de 1986, principalmente na partida contra a Inglaterra. Nesta parte da oficina, pude identificar uma mudança de comportamento nos alunos quando começou a ser falado sobre o jogo. Começaram a se entusiasmar quando foi falado da figura mítica que constitui Maradona após aquele gol de mão. Uma certa simpatia aos cidadãos vizinhos.

Como avaliação, foi solicitado que os alunos, divididos em grupos, criassem um clube de futebol (nome, emblema, país, ano de fundação) e uma narrativa histórica que relacionasse algum momento histórico com o clube. Foi criado então 5 times: On Colours (clube formada por mulheres lésbicas que reivindicavam o fim da proibição da prática do futebol as mulheres), Barrageiros FC (clube formado por

trabalhadores do bairro Itaipu C que combateram a influência da ditadura na construção da usina hidrelétrica de Itaipu), Raça Negra (clube que lutou contra proibição dos negros de praticarem o futebol), Fighters FC (clube formado por anti-nazistas) e Equality Force (clube que atua na causa contra xenofobia).

Na narrativa elaborada pelos alunos, foi possível analisar que o futebol foi compreendido por eles como um agente atuante na história, capaz de ser um corpo ativo dentro da sociedade. Todos foram coerentes com o tempo histórico e a atuação do clube naquela época, fazendo com que o objetivo da oficina fosse cumprido.

Na segunda atividade, foi trabalhado o tema da Imigração para o Brasil no fim do séc. XIX e início do séc XX. Na primeira e segunda aula, apresentei o tema o que estava propondo naquele momento. A ideia era começar a problematizar a questão da imigração no presente. Para isso, foi exposto aos alunos uma foto da seleção francesa campeã do mundo em 2018, mas esta foto estava modificada, estava sem quaisquer referências à França. Os escudos e bandeiras foram apagados. Com isso foi perguntado se, só pelas características dos jogadores conseguiam identificar de qual país era aquela seleção. Depois de olharem bem e reconhecer alguns jogadores, os alunos perceberam que se tratava da seleção francesa. Em seguida perguntei aos alunos o que é necessário para um jogador defender uma seleção. Prontamente os alunos responderam que era necessário nascer naquele país.

Assim começou a problematizar a questão da descendência origem de alguns jogadores da seleção francesa. Foi exposto uma imagem dos jogadores com as bandeiras de sua nacionalidade ou descendência. Foi levado em consideração que, os jogadores franceses ou nasceram em outro país ou nasceram de pais imigrantes, alguns, inclusive, ter vivido o processo de imigração. Assim começou a dinâmica, onde foi escolhido um aluno e os demais colegas criaram uma família para ele. Foi criada uma narrativa fictícia na tentativa de criar um roteiro acerca da realidade vivida por muitos imigrantes que fogem das zonas de conflitos no oriente médio.

Foi trabalhado com os alunos a realidade que originou a crise de refugiados na Síria, o trajeto realizado pelo imigrante, a chegada no destino e o convívio com a xenofobia e condições de vida precária. O futebol pouco esteve presente neste momento, sendo citado apenas para ilustrar determinado conteúdo.

Nesta terceira aula, iniciei de forma semelhante a aula passada. Expus uma foto da seleção brasileira de 1919, composta por imigrantes. Assim, foi abordado o tema da imigração para o Brasil no início do séc. XIX. Nesta parte, pouco foi falado sobre

o futebol. Como avaliação os alunos se colocariam no papel de um imigrante do passado ou do presente e escreveria uma carta para o imigrante do tempo oposto relatando sua experiência como imigrante. Nos escritos dos alunos, com exceção de um, nenhum abordou o futebol.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em consideração que o futebol é um agente constitutivo de identidade e presente no cotidiano dos brasileiros, sendo frequentemente exposta sua história apresentada em reportagens na tv ou em blogs, há de se ter noção que o sujeito que absorve aquelas informações as subjetiva e as transforma em conhecimento histórico. O futebol, ao se projetar como um elemento central da brasilidade, permite que o compreendamos como um objeto histórico e possível de ser trabalhado em sala de aula, afim de constituir sentido aos conteúdos históricos que os alunos carregam.

Compreende-se então aprendizagem histórica como o conjunto de operações mentais que, a partir da absorção do conteúdo histórico explícito ou implícito no cotidiano, o sujeito subjetiva constituindo sentido a experiência histórica no tempo, visitando o passado por meio da consciência histórica, afim de compreender o seu presente para desenvolver as competências necessárias para perspectivar o futuro a partir das experiências e ações relevantes no tempo presente, empregando conhecimento histórico em sua análise, elaborando uma orientação constitutiva de identidade, trazendo para si uma orientação prática da vida humana, explicitando o conhecimento histórico através da narrativa.

Ficou evidente nas experiências realizadas na disciplina de Estágio Obrigatório a importância da forma de abordagem do futebol em sala de aula. Na atividade em que o esporte foi trabalhado como conteúdo principal da aula de história tivemos um poder maior de envolvimento dos alunos e de desenvolvimento das competências da aprendizagem histórica.

REFERÊNCIAS

- BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à Avaliação. In: Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p.131-144
- DAMATTA, Roberto. Futebol: Ópio do povo ou drama de justiça social? *Novos Estudos. CEBRAP*, v.1, n.4, 182, p.54-60.
- FREITAS, Rafael Reinaldo. Aprendizagem histórica e cultura histórica: Contributos para investigações sobre o lugar da intersubjetividade na formação histórica. *História & Ensino (UEL)*, v.22, 2016, p.247-262.
- GUTERMAN, Marcos. O futebol explica o Brasil. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- NEGREIROS, Plínio Labriola. A cidade excludente e o time do povo. *Revista de História*, São Paulo, n. 163, p. 207-242, jul./dez. 2010.
- RIBEIRO, L. C.. Futebol: Por uma história política da paixão nacional. *História. Questões e Debates*, v. 57, 2012, p.15-43.
- RIBEIRO, L. C.. O futebol no campo afetivo da história. *Movimento*, Porto Alegre, v. 10, n. 3, 2004, p.99-111.
- ROCHA, João Pedro P.. Futebol nas aulas de história: novas abordagens/perspectivas para o ensino de história, Barreiras, 2016.
- RÜSEN, Jörn. Aprendizado Histórico. In. SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel, MARTINS, Estevão de Rezende (org.) Jörn Rüsen e o ensino de história. Curitiba, ed. UFPR, 2011, p.41-49.
- RÜSEN, Jörn. Aprendizagem histórica: esboço de uma teoria In: RÜSEN, Jörn. Aprendizagem histórica: Fundamentos e Paradigmas. Curitiba: W.A. Editores, 2012, p.69-112.
- RÜSEN, Jörn. Didática da história: passado, presente e perspectivas a partir do caso alemão. In. SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel, MARTINS, Estevão de Rezende (org.) Jörn Rüsen e o ensino de história. Curitiba, ed. UFPR, 2011, p.23-40.
- SCHMIDT, M. A. Cognição histórica situada: que aprendizagem histórica é essa? In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel (Org.). Aprender História: perspectivas da Educação Histórica. Ijuí: Unijuí, 2009, p. 21-51.